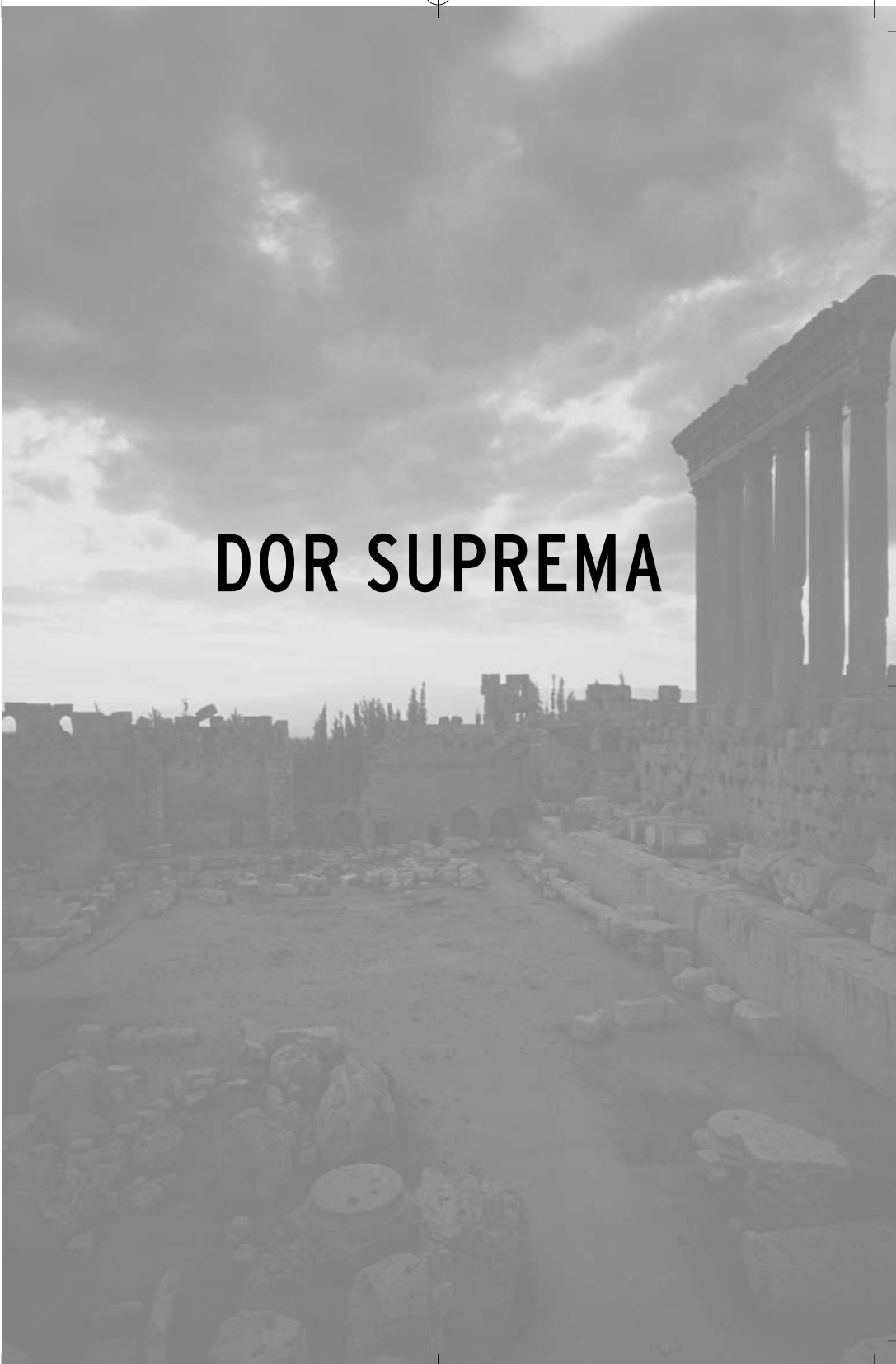


# DOR SUPREMA





VICTOR

# DOR SUPREMA

---

# DOR HUGO

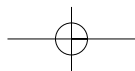
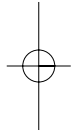
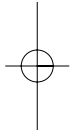
---

ROMANCE PSICOGRAFADO POR

*Zilda Gama*

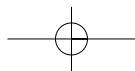
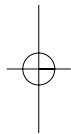
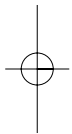
**feb**

Federação Espírita Brasileira



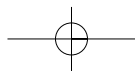
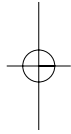
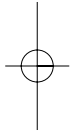
# Sumário

- 7 LIVRO I  
Sonho e realidade
- 51 LIVRO II  
Castelos desertos
- 95 LIVRO III  
Clarões e penumbras
- 153 LIVRO IV  
Ressurreição do passado
- 209 LIVRO V  
Da desilusão ao abismo
- 293 LIVRO VI  
Os Filhos das sombras
- 417 LIVRO VII  
Os Legionários da luz
- 543 LIVRO VIII  
Os pioneiros do bem
- 581 LIVRO IX  
Nas fronteiras do Céu



LIVRO I

Sonho e  
realidade





## I

Há, no sul da Europa, um país afamado, de céu sempre azul, clima suave, frutas deliciosas, separado das outras nações fronteiriças por elevadas serranias – balizas de granito e neve – os Alpes – parecendo pedestais da estátua de um Prometeu<sup>1</sup> invisível, erigida por arquitetos visionários, a fim de que pudesse ele escalar o infinito constelado, para lhe roubar as luzes inextinguíveis e resplandcentes dos astros, para, de seus blocos, poder plasmar as efigies dos heróis e dos deuses imortais...

Quase todo o seu território se assemelha a um fragmento de perna de um guerreiro destemido, que, desejando atravessar o Mediterrâneo a nado, em direção ao Ocidente, se afogasse em suas águas revoltas, e, então, desaparecendo o corpo ciclópico, dele restasse apenas uma gigantesca e eterna bota marcial...

É ele banhado por dois mares quase paralelos, os quais se reúnem na extremidade meridional por um amplexo permanente e perpétuo, qual o de dois irmãos gêmeos, que, tendo de separar-se, antevendo infindas saudades, se abraçassem, estreitamente, por toda a consumação dos séculos, não almejando apartar-se, jamais: o Adriático e o Tirreno...

---

<sup>1</sup> Titã grego que roubou o fogo divino de Zeus para dá-lo aos homens, que assim puderam evoluir e distinguirem-se dos outros animais.

É a terra dos sonhadores e dos artistas, dos belos vinhos, dos vulcões violentos, das ruínas milenárias, das tragédias emocionantes, onde viveram doges e Césares, onde as gôndolas deslizam, serenamente, no dorso esmeraldino do Adriático...

Já sabeis, leitor amigo e perspicaz, que me refiro à Itália, a pátria maravilhosa de Alighieri,<sup>2</sup> de Da Vinci,<sup>3</sup> de Cícero,<sup>4</sup> de Petrarca,<sup>5</sup> de Marco Aurélio...<sup>6</sup>

Silenciosamente, por meio do pensamento – o rádio humano, de origem divina, o maior portento da alma, invisível e perene fagulha do Criador – penetremos em uma formosa habitação romana, na era em que reinava o intrépido Júlio César.<sup>7</sup>

Nas proximidades do Palatino, erguia-se uma construção de maravilhosa arquitetura, obra surpreendente de escultores anônimos, símiles dos pequeninos e operosos agentes netuninos, que edificaram os mais assombrosos monumentos, e, logo, humildemente, se eclipsaram nas trevas das águas, sem que, jamais, aflorassem à superfície marítima...

Nela residia um ex-procônsul da Aquitânia,<sup>8</sup> uma das mais famosas províncias dominadas pelos romanos, e, atualmente, território francês, o qual será designado nesta narrativa pelo nome de Numa Tarquínio, cuja crueldade atingia o fantástico!

Consociado com uma jovem de peregrina formosura, notável pelo físico e pela alma, opostos aos do esposo, esse contraste valia pelo que se observa entre uma rosa de púrpura aveludada, cheia de aroma e orvalhos celestiais, e um asqueroso verme, abrigado em sua corola, a sugar-lhe a vida, gota a gota...

<sup>2</sup> Maior poeta italiano (1265-1321).

<sup>3</sup> Pintor, escultor, arquiteto italiano (1452-1519).

<sup>4</sup> Filósofo, orador e político romano (106-43 a.C.).

<sup>5</sup> Poeta e humanista italiano (1304-1374).

<sup>6</sup> Imperador romano (121-180).

<sup>7</sup> General romano (100-44 a.C.), conquistador das Gálias, tornou-se ditador.

<sup>8</sup> Região do sudoeste da França, conquistada por Roma em 56 a.C. e tornada francesa em 1449.

Ela vivia em tormentos incessantes, e não podia suportar, sem íntima revolta, as iniquidades que o consorte praticava, sentindo-se acorrentada, pela fatalidade, a um déspota cruelíssimo, infinitamente infortunada, no palácio principesco, tal um rouxinol cego, preso em gaiola de ouro e diamantes, dentro de cerrada noite perpétua, sem um vislumbre de alvorecer ou de liberdade...

Chamava-se Clotilde, e não tinha visto, pela vez primeira, a luz solar na *Cidade Eterna*, mas em uma das menores ilhas Baleares.<sup>9</sup>

Seus progenitores, membros ilustres do patriciado romano, eram de opulência régia, probos e altivos, dotados de rara pureza de caráter.

Residiam eles, quando Numa Tarquínio se relacionou com os fidalgos insulares, em solitário castelo de cantaria, edificado no cimo de colina escarpada, parecendo alvo alcione, aninhado em um alteroso vagalhão de espumas, subitamente petrificado ao influxo de poderoso mago, que o tornasse imóvel por todo o sempre...

Circulavam o solar, de estilo vetusto, resistentes muralhas, que o tornavam inexpugnável, exceto à direita, onde existia íngreme e longa escaleira, ao passo que, à esquerda, havia um rochedo de cor sempre sombria, o qual nunca fora escalado, tão abrupto era, erizado de agulhas graníticas, como se fossem espadas gigantescas de um exército temeroso que, repentinamente, tivesse sido paralisado e empedernido por um poder invencível...

Derivou-se dele o nome do castelo – Rocha Negra.

Ali, naquela região alcantilada, viveram os genitores de Clotilde, o casal Donato Moréti, em completa harmonia, seus numerosos serviçais, seus jovens filhos – Flávio e Clotilde, Pedro Naldi, heróico e denodado guerreiro, já viúvo, seu filho Luciano e alguns mercenários, que, em caso de assalto, seriam os defensores do castelo.

Flávio era de estatura mediana, trigueiro, de olhos negros e expressivos, revelando sentimentos indômitos e profundos.

<sup>9</sup> Arquipélago espanhol localizado no Mediterrâneo.

Clotilde era alva como as camélias da Palestina, vistas em noites de plenilúnio, com um ténue nacarado nas faces, cabelos castanhos, com reflexos dourados, lembrando o decantado mel do Himeto,<sup>10</sup> longos, veludosos, encaracolados; olhos da mesma cor das madeixas, maravilhosos, suaves, nostálgicos, fascinantes.

Seu aspecto era o de Aspásia<sup>11</sup> ao desabrochar da juventude.

Foram ambos educados por eméritos professores, alguns deles atenienses, que lhes proporcionavam variados conhecimentos literários, artísticos e filosóficos, de acordo com os ensinamentos pitagóricos, dos quais seu genitor era fervoroso adepto.

Raramente se ausentava Donato do castelo, preferindo a paz do lar, com os entes que lhe eram caros, livre de lutas bélicas, tão frequentes na época, e que serviam para os ambiciosos se apoderarem dos haveres dos vencidos...

Previendo, sempre, um assalto a seu pacífico solar, o austero e previdente senhor (que dera provas de intrepidez, e havia fraturado um braço em encarniçada investida contra as Gálias),<sup>12</sup> não se descuidava de pesquisar os arredores de sua sólida habitação, reforçando, quando necessário, as muralhas que a circulavam, exceto do lado esquerdo, que se comunicava com o Mediterrâneo e com intransponível penedia.

– Nunca provocarei uma agressão, dizia ele, convictamente, aos amigos; mas saberei repelir os ousados aventureiros que infestam o Mediterrâneo...

Seus fâmulos, que eram tratados com brandura inigualável, quando saíam a serviço do Castelo eram às vezes provocados pelos fundibulários perigosos, existentes naquelas regiões insulares, in-

<sup>10</sup> Monte grego, célebre pelo excelente mel e pelos seus mármore.

<sup>11</sup> Mulher de Péricles, afamada por sua beleza, honra e influência.

<sup>12</sup> Série de campanhas de Júlio César que permitiram o domínio romano sobre a Europa a oeste do rio Reno (58-51 a.C.).

vejosos da existência tranqüila, laboriosa e confortável, que desfrutavam na Rocha Negra.

Os servos de Moréti, porém, ordeiros e probos, não davam ensejo a contendas, e, não lhes respondendo aos doestos provocadores, retiravam-se, cortesmente, e levavam ao conhecimento de seu amo o que lhes havia sucedido.

Viveram, desse modo, serenamente, por mais de dois decênios, os habitantes da Rocha Negra.

À sombra das muralhas havia frutos e flores, paz espiritual, conforto nos lares; pois, além da do castelão, existiam outras famílias, dignas de conviver com a dele, fraternalmente, desempenhando modestos misteres.

Desse viver e quietude, o mordono do alcáçar, Pedro Naldi – destemido cabo de guerra, companheiro inseparável de Donato quando combatiam nas Gálias – no caso de uma investida, à mão armada, seria o defensor.

Havia, ao alvorecer, exercícios militares, findos os quais, os que neles tomavam parte se entregavam a úteis misteres.

– Enquanto estamos em paz – dizia Naldi, sorrindo – meus soldados são operários, agricultores e industriais... Assim, nunca perdem eles seu tempo precioso, e servem, incessantemente, à pátria e à família!

Naldi era viúvo; tinha, porém, para lhe alegrar a existência, um formoso e adorado unigênito, que herdara os nobres predicados paternos. Era ele, na época a que nos reportamos, em mancebo de quatro lustros de idade, de altura mediana, porte airoso, olhos castanhos, cabelos ondulados, de um louro intenso de avelãs sazoadas.

Desde que nascera Clotilde, quando contava ele quatro anos de existência, sentiu-se atraído por seus encantos infantis, e dedicou-lhe profunda afeição, que se foi vigorando, no percurso da vida, e transformando em veemente amor; fascinado por sua peregrina formosura física, aliada à de sua alma angelical, que parecia transparecer-lhe no olhar, onde havia um fulgor estelar...

Era, a filha de Donato, a irmã que nunca tivera, a mãezinha, que nunca beijara, arrebatada ao túmulo ao dar-lhe a existência, qual se fora a sua própria, que se desprendera de seu corpo, para se infundir no do débil nascituro...

Luciano acompanhara-lhe os passos desde a puerícia, ouvira-lhe o balbuciar das primeiras sílabas dos vocábulos, que todos julgavam impregnados de uma candura e suavidade celestes, parecendo fragmentos de um idioma extraterreno, desconhecido no mundo sublunar...

Eram inseparáveis, desde o rosicler da existência. Ele a seguia, e, quando Clotilde percorria as aléias do grande parque do solar, oferecia-lhe pomos de flores, com gentileza cavalheiresca; depois, estudava a seu lado, nos mesmos livros, e com os mesmos professores. Viviam ambos, enfim, inebriados por uma ventura inexprimível na linguagem humana, não desejando outra sobre a Terra, senão a de não se apartarem jamais, fundindo em uma só as duas almas, e, assim sempre unidos, partirem para as mansões siderais...

## II

Amanheceu um dia de incomparável encanto, no início de radioso estio no sul do Velho Continente.

Não longe do solar da Rocha Negra, o Mediterrâneo resplandecia com fulgurações de esmeraldas, fundidas aos ardentes raios solares, cintilando como se fossem tesouros de pedrarias orientais, liquefeitas ao influxo de áureo condão divino.

O impulsivo Flávio, fatigado da reclusão em que vivia, ávido de atividade e emoção, propôs aos genitores uma excursão marítima.

Possuíam os castelões uma sólida chalupa, que, quando necessário, fazia o transporte de visitantes e víveres, de uma ilha para outra. A idéia do mancebo foi recebida com aplauso, exceto por

Luciano, que, sem atinar com a causa, teve um súbito sobressalto, e ficou apreensivo, pressagiando algum sucesso desagradável... Seu desvelado genitor, o chefe das armas do alcáçar, tentou desvanecer-lhe os infundados receios, dizendo-lhe:

– Meu filho, não há prenúncio de tempestade... Eu não me aventuro a ir contigo porque, além de estar um tanto enfermo, quero sempre permanecer como atalaia vigilante, no meu posto de honra, pois sei quão cobiçado pelos corsários é este solar...

Luciano calou-se, e foi incorporar-se aos itinerantes.

Clotilde, trajando formosa túnica azul-safira, com um peplu dourado, dir-se-ia uma aparição olímpica, tal a sedução que irradiava de todo o conjunto harmônico.

Foi ela quem insistiu com Luciano para tomar parte no passeio; e ele, fascinado por sua gentileza, não teve ânimo de contrariá-la, embora desejasse ficar em companhia do venerável genitor.

Ele vestia uma túnica rubra, de inimitável primor; e, ao lado da donzela, formava tão gracioso par, que, ao vê-los, os progenitores de ambos entreolharam-se, sorrindo, abençoando-os com olhar carinhoso, cheio de lágrimas de júbilo, compreendendo que uma era o complemento do outro, que o berço já os havia ligado, qual o destino o faria, certamente, até o derradeiro instante de vida terrena. Quem os visse, ao lado um do outro, belos, e em plena juventude, logo perceberia que lhes prendia as almas um vínculo luminoso e indestrutível de afeto profundo, havendo uma afinidade espiritual absoluta entre ambos, parecendo irmãos no físico e nos sentimentos, estátuas de jaspe e ouro, modelados por um mesmo escultor genial e portentoso – Deus!

Clotilde semelhava-se, pois, mais a Luciano do que a Flávio, parecendo isso, a todos que os viam, um capricho sugestivo do destino, porque não percebiam a revelação insofismável da intervenção divina em duas almas que haviam atingido o mesmo nível de conhecimentos humanos, de moral e de sentimentos, tornan-

do-se gêmeas pelas conquistas espirituais realizadas, irmanadas pelos mesmos e sublimes ideais.

Nunca se haviam apartado um do outro, nem agastado mutuamente.

Uma estreita comunhão de pensamentos fizera penetrar-lhes nos corações emotivos uma intensa e inalterável afeição, desde os primeiros tempos de existência.

Naquele dia, sem que ambos pudessem averiguar a procedência de seus presságios, mostravam-se entristecidos e apreensivos...

Flávio, ardente e aventureiro, temperamento ao contrário do da irmã e do companheiro de infância, mostrava-se exultante, e acompanhava os aprestos para o passeio com inaudito interesse.

Seu pai, que o olhava sorrindo, observou-lhe:

– Parece-me que nasceste para argonauta, Flávio!

– É verdade, meu pai – respondeu-lhe o jovem, com incontido entusiasmo, vendo-se observado pelo condescendente genitor –, dir-se-ia que descendo dos antigos e intrépidos argonautas gregos, dos que fizeram parte da expedição do inesquecível Argo...<sup>13</sup> Quanto anseio por avistar novos horizontes, empenhar-me em alguma empresa arriscada!

“Morro de tédio nesta monótona Rocha Negra!

“Já não tolero a fastidiosa filosofia pitagórica e socrática... que eu julgo impraticável em nossa era! Não nasci para esperar serenamente os acontecimentos, mas para ir ao seu encontro, agir e triunfar das lutas, para entrar na atividade de uma vida cheia de aventuras e heroicidades! Como tarda o momento de me incorporar a uma legião romana,<sup>14</sup> para combater ao lado de Júlio Cé-

<sup>13</sup> Navio construído por Jasão para levá-lo a Cólquida, onde precisava pegar o velo de ouro para reassumir o trono de Iolco na Tessália.

<sup>14</sup> Divisão fundamental do exército romano, composta por cerca de 6.000 homens. A legião era dividida em centúrias, que formavam a coorte; seis a oito coortes formavam a legião.



sar, conquistando novas glórias para nossa pátria, em longínquas paragens, além dos mares embravecidos!...”

– Muito folgarei, Flávio – disse-lhe Donato com tristeza manifesta em seus olhos glaucos –, que cinjas a tua fronte com os lauréis das vitórias guerreiras, mas quanto me custará a suportar a tua ausência, ou morte, talvez, meu filho! Os pais extremosos transmitem um átomo de sua própria vida aos filhos, dos quais ficam sendo, perpetuamente, uma fração integrante, inseparável por todos os séculos... Só se sentem eles integrados quando os têm perto de seu coração, ao alcance de seus braços, para os apertarem de encontro ao peito, que, em cada palpitar, profere os seus nomes queridos! Quando eles se ausentam, ou morrem, não vivem os progenitores como vivem as outras criaturas: falta-lhes algo em suas almas, sentem-se incompletos, desditosos, e, desde então, a luz da vida vai-se-lhes extinguindo lentamente, qual a de uma lâmpada sagrada à qual ninguém mais deitasse uma gota de óleo... É o grande amor que te consagro, Flávio, que me faz adiar, sempre, o instante temido para as lides guerreiras. Insulei-me do mundo, para poder conservar intactos os tesouros que o Criador do Universo me concedeu – minha esposa e meus filhos!

“É o bendito egoísmo do amor paterno que te torna infelizmente, meu filho!

“Quantas vezes antevejo, com lágrimas secretas, o instante de nosso apartamento! Quanto sofrerei, sabendo que a tua vida se acha em perigo incessante, pressagiando que jamais regressarás a nosso lar até hoje tão feliz, que vais encontrar uma cova ignorada, muito além, muito longe das fronteiras de nossa pátria, em inóspita paragem, sem ao menos poder cobrir de flores a tua desconhecida sepultura...”

– Mas, querido pai, não pensemos nos infortúnios, e, sim, nos louros do triunfo! – exclamou o jovem, com vivacidade.

– Flávio, na vida humana as venturas são raras, ao passo que as desditas não têm limites... Júpiter<sup>15</sup> que te inspire e te proteja, filho meu!

Os olhares do mancebo, onde fulgurava o brilho da excitação, incidiram sobre o formoso par composto de Luciano e Clotilde, que, a curta distância um do outro, enlevados pelos mesmos sentimentos de ternura, olhavam o chamalote de esmeraldas e ouro, do inquieto Mediterrâneo, alheios ao mundo real... Flávio, depois de percorrer a chalupa, após os últimos aprestos, quando a viu em movimento, aproximou-se de Luciano, desejoso de expandir os seus mais íntimos pensamentos, e interpelou-o:

– Sabes que anseio por ser legionário de César, combater em regiões longínquas? Não sentes o mesmo entusiasmo pelas conquistas de lauréis, que certamente farão feliz a Pedro Naldi, de quem deves seguir os heróicos feitos?

– Confesso-te, Flávio – respondeu-lhe o interpelado, percebendo o alcance dessas palavras – que não experimento o mesmo entusiasmo que manifestas pelos sangrentos triunfos de Marte...<sup>16</sup> Nasci para viver em paz com a Humanidade. Se tiver de combater a teu lado, verás que não sou covarde; mas, parece-me que, longe da Rocha Negra, morrerei de nostalgia...

– Acaso amas o lar paterno mais do que eu, Luciano?

– Os temperamentos divergem de um indivíduo para outro, Flávio! Não posso menosprezar o afeto que consagras a teus progenitores, meu amigo, mas, não devo deslembrar que meu pai, exausto de arriscadas campanhas, já se acha mais próximo do túmulo do que o teu, e, por isso, não tenciono apartar-me dele, para que, caso venha a faltar, tenha quem o substitua na defesa do alcáçar...

<sup>15</sup> Deus romano do dia, equivalente ao deus grego Zeus.

<sup>16</sup> Deus romano da guerra.

– Louvo muito os teus dignos propósitos – retrucou Flávio, com alguma ironia –, mas será somente por causa de teu nobre genitor que se torna tão penosa a tua ausência da Rocha Negra?

– Certamente, não! – respondeu-lhe, lealmente, Luciano, percebendo a alusão – todas as pessoas que conosco privam merecem também a minha estima e consideração...

Flávio abrangeu-o e à irmã em um só lance de vista, e, como para melhor completar seu pensamento, disse, intencionalmente:

– Olha, caro Luciano, antes que eu seja legionário; sem conquistar lauréis... não deixarei que me prendam o coração!

Luciano permaneceu silencioso por alguns instantes; compreendia lucidamente a alusão de Flávio, não o considerando merecedor do afeto da irmã; sentiu a vibração da ofensa, mas, ponderado e digno, querendo evitar um atrito com o companheiro de infância, pôde, de ânimo sereno, replicar-lhe:

– Meu amigo, eu te considero o irmão que o destino não me concedeu, e, por isso, não desejo ocultar-te os meus mais secretos pensamentos; já que desvendaste o sigilo de minh'alma... eu te direi que jamais trocarei os sangrentos louros de qualquer vitória por um só instante da felicidade que desfruto no solar em que vivemos! Para mim não há glória mais inefável do que a de conviver com criaturas nobilíssimas, em um lar tranqüilo, onde imperam os sentimentos dignificadores, onde a virtude é a soberana que reina em todos que o habitam!

– Nasceste para ser patriarca ou patrício romano, amigo! – exclamou Flávio, rindo, com zombaria. – Não deixas de pensar com acerto; mas não devemos dar plena expansão aos sentimentos afetivos, que acabam sempre dominando e vencendo o coração, sem também cultivar os que nos podem impulsionar às grandes e imortais aventuras! O coração é qual um árdego corcel que – domado com perícia, é vencido; mas, deixado com a brida livre, pode atirar-nos a um abismo...

– Que valor possuí o triunfo guerreiro – sempre desumano, conseguido à custa das lágrimas e do sangue dos vencidos – para quem ama a paz, o labor, o estudo, a fraternidade e a ventura suprema, da Terra: a organização de um lar tranqüilo e honesto? Devemos dominar o coração quando ele nos impulsiona para as paixões criminosas, e não para os sentimentos puros e nobres!

– E tens a certeza de que conseguirás, como conjecturas, essa *ventura suprema*? – interpelou-o Flávio, propositadamente.

– Esforçar-me-ei para que ela se torne realidade! – respondeu-lhe Luciano, empalidecendo apreensivo, pela primeira vez, desde que amava a formosa Clotilde. – Não considero impossível conseguir o que te expus, lealmente, porque nunca pratiquei um ato que desdoure as glórias de meus antepassados, nem o farei jamais... Não me julgues covarde, Flávio, pois é possível que ainda combatamos nas mesmas fileiras e, então, verificarás que, embora ame a paz, saberei manejar o gládio... que me causa pavor!

– Bela coragem, a tua, Luciano! – exclamou, rindo com sarcasmo, o filho de Donato Moréti. – Por que te causa pavor uma tão nobre arma?

– Porque desejaria que todos vivessem em harmonia, em uma época menos belicosa do que esta. Queria que todos os povos estivessem de comum acordo, que se auxiliassem mutuamente, respeitando reciprocamente os seus direitos sagrados, e jamais tivessem ensejo de se tornar homicidas... considerados heróis, quando vencedores, e escravos, quando vencidos! Para mim, o verdadeiro herói, bravo entre os bravos, é o justo, o virtuoso, o que sabe cumprir seus deveres terrenos, sociais e espirituais, o que não sacrifica vidas preciosas, mas o que as salva, o que aureola a alma com os louros da honestidade, do Bem praticado, o que não cinge a fronte com os louros que enegrecem o Espírito com as trevas do remorso!

– Não devias ter nascido nesta era, há vinte anos, mas sim, daqui a dois milênios, Luciano! – tornou Flávio, com mal dissimu-

lada zombaria. – És um utopista, e *nunca* verás realizados os teus ideais... Sempre, no planeta em que vivemos, maior será o número dos que se digladiam que o dos que se amam... Fraternidade?! Aqui, na Terra, no mundo das rivalidades, das ambições e das injustiças?!... Que absurdo! Preparemo-nos, sim, para lutar e vencer adversários, não os poupando... para que eles nos trucidem!

### III

Donato Moréti que, pouco distante dos dois rapazes, os observava com interesse, aproximou-se de Luciano, que, ao vê-lo, se ruborizou, qual se houvesse pronunciado ofensas contra Flávio...

Pela primeira vez, o austero ancião entabulou com ele uma palestra afetuosa. Julgando-o, até então, um inexperiente mancebo, qual o próprio filho, ficou surpreso com a sensatez com que dissertara sobre assunto grave – o mesmo que constituíra sempre o seu ideal na Terra: a paz mundial!

– Aprove-me escutar-te, Luciano – disse-lhe o ancião, com melancolia, apertando-lhe a mão, cordialmente –, e felicito-te pelas idéias que acabas de expender, com uma sinceridade em que não posso deixar de crer, com verdadeiro contentamento! A guerra, a meu ver, é a prova máxima da ferocidade e da vindita humana... Nas lutas sangrentas, são sempre imoladas vidas utilíssimas, profanados lares honestos, usurpados tesouros seculares, acumulados às vezes em longas etapas de labor e sacrifícios... No entanto, os que mais irmãos trucidam e degradam... são os considerados mais famosos heróis! Só há um motivo que pode impulsionar um povo à luta fratricida: a defesa! Se fossem as causas justas as vencedoras... não teríamos a lamentar tantas desditas; mas, quantas vezes triunfam os opressores e os déspotas! Essa é a maior calamidade das guerras. O forte vence o fraco, embora às vezes este esteja coberto de razões... Vais sofrer muito, Luciano, por causa de teus elevados

intuitos, com tua apurada sensibilidade, e a nítida compreensão de teus deveres morais... quando tiveres de empunhar uma arma homicida contra o nosso semelhante... Quanto me tortura o prever essa era, que já nos atinge, pois tu e Flávio já ultrapassastes a idade de iniciar os labores consagrados a Marte...

– Muito me alegra o saber que não discordais do que penso, senhor – respondeu-lhe o filho de Naldi, exultante por haver encontrado no ancião um valioso aliado. – Eu desejaria, se meus almejos fossem atendidos pelos deuses, que os homens se tolerassem mutuamente, respeitassem os seus direitos, não ocasionando nunca desarmonias sangrentas, não vivendo como lobos cervais, sempre enraivecidos, ávidos de carnagem! Mas... que digo eu? Lobo, por mais feroz que seja, não ataca o seu semelhante; há fraternidade entre as feras, ao passo que os homens, considerados os mais elevados seres da Terra, semelhantes ao Criador na imagem – quase todos se hostilizam, e embrutecem quando empunham armas assassinas!

– Sou de teu parecer, Luciano; e, por isso, até hoje, embora sendo patrício, e tendo o dever de mandar meu filho cumprir um preceito cívico... ainda não o fiz! Que valem, porém, nossos sentimentos humanitários e fraternos, se estes são incompreendidos por nossos coevos... que mais amam o despotismo e a corrupção de costumes do que a paz e a moral?

“Por que abandonei a minha pátria? Por que me refugiei em um rochedo, qual alcione que quer, livre das procelas, construir o seu ninho, longe dos olhares dos abutres mais temíveis para não lho destruïrem?”

“Jamais voltarei a Roma... senão a passeio... Sou amigo de César, mas não nasci para as inquietações em que vivem os nossos compatriotas...”

– Ainda irás a Roma, querido pai, a fim de ver-me chegar de regiões longínquas, em horas de triunfo, conquistado pelas invictas legiões de nosso magnânimo Júlio César! – exclamou Flávio, com

ardor e despeito por haver percebido que seu genitor esposara as idéias de Luciano, e não as suas.

– Assim o queira Marte, filho meu! – respondeu-lhe Donato, com incontida amargura, pressagiando o contrário do que dissera ao estremecido e afoito mancebo.

Perto do esbelto Flávio, achava-se Clotilde, alva e formosa, cujo semblante esmaecera desde os primeiros remoques do irmão, referentes a Luciano, pois neles descobrira algo de deprimente e injusto contra o seu afeiçoado. Nunca sentira tão agitado o coração, a augurar-lhe um acontecimento grave, que, certamente, poderia modificar sua ditosa situação, e a daquele que amava com a veemência de quem ama uma só vez na existência...

Dando o braço ao irmão, afastou-se do genitor e de Luciano, dizendo-lhe, com tristeza:

– Desconheço-te, hoje, Flávio! Dir-se-ia que estás hostilizando Luciano, teu digno companheiro de infância, um quase irmão, nascidos ambos com diferença de poucos dias! Já compreendeste, meu irmão, que eu me afeiçoei, profundamente, a ele... não queiras contribuir para nosso infortúnio! Não percebes as sutilezas dos que amam a quietude de um lar; daqueles que se compadecem dos que nos deram o ser, mormente quando suas frontejas já estão alvejadas de neve; daqueles que nos adoram ternamente, vivem de nossa vida, e não se resignam nunca a perder-nos; vendo os que criaram com desvelos e ternura tombar nos campos de cruentas batalhas, pisados esses despojos queridos, pelas patas profanadoras dos corcéis! Não queiras compelir um amigo, que é altivo, e foi ferido em sua dignidade, com as tuas referências deprimentes, a partir para uma luta fratricida – que o é toda a guerra – causando, desse modo, duas irreparáveis desventuras: uma, a de seu venerando pai, que pende para o túmulo; outra, a de quem sonha, pela vez primeira, com a felicidade terrena...

– Pois bem, Clotilde – retrucou-lhe o irmão, com certo agastamento –, folgo por me haveres externado lealmente os teus pensa-

mentos... Quero, também, ser franco, embora preveja que isso te causará desgosto... Não aprovo a tua inclinação por Luciano...

– Qual o desdouro que lhe notas? Flávio! – interrogou Clotilde, com vivacidade e agastamento.

– Nenhum, minha irmã, acho-o até um rapaz de nobres predicados morais e intelectuais; mas é muito jovem ainda, não tem méritos que o realcem na sociedade, nem nutre o desejo de conquistá-los, para só então merecer o teu afeto. És muito bela, Clotilde, e não nasceste para ficar residindo entre penhas; e sim para imperar em Roma, como esposa de um ilustre e vitorioso legionário!

– Não, Flávio! – exclamou Clotilde, com veemência. – Eu não quero outra glória... que a de viver, serenamente, ao lado do que amo desde a infância!

– Talvez mudes de parecer, cara Clotilde, em outro local, sob outro céu, na convivência de uma sociedade culta... – tornou Flávio, misteriosamente. Mas, vendo lágrimas aljofrarem os olhos cândidos da irmã querida, sentiu-se abalado de remorsos, e disse-lhe:

– Eu gracejava contigo, Clotilde! Fica tranqüila... não arrebaterei tão precioso tesouro!

Assim dizendo, porém, purpureou-se repentinamente como se estivesse mentindo a si próprio, à sua consciência, ou fosse capaz de praticar o contrário do que afirmara à donzela...

## IV

Flávio, que adorava a irmã, retirou-se para a proa da chalupa – *Conquistadora* – que já havia partido de Cabrera,<sup>17</sup> poucas horas antes da palestra dos dois jovens.

Pôs-se ele a observar o horizonte com olhar perscrutador, qual se fosse o de um velho corsário, conhecedor profundo da

<sup>17</sup> Cabrera, uma das ilhas Baleares.



náutica. Temperamento impulsivo, gênio arrebatado, altivo, ressumbrava, em todas as suas ações, lealdade e firmeza de caráter. Havia muito, percebera ele que a encantadora Clotilde se afeiçoara, intensamente, a Luciano Naldi. Embora não fosse este, tanto quanto ela, de elevada estirpe, nenhum deslustre apresentava o mancebo, que primava pelos dons intelectuais e morais, e – sabia-o Flávio – nenhuma oposição teria de sua família contra as pretensões esponsalícias dos dois enamorados... Esperava, porém, que Luciano fizesse jus a alguns lauréis, qual seu denodado progenitor, que se notabilizara nas regiões gaulesas, a fim de que então se efetuassem as núpcias. Desgostara-o, pois, extremamente, a aversão que Luciano votava às pugnas guerreiras, porque desse modo jamais alcançaria uma vitória; seria sempre um anônimo chefe de família, não se destacando dentre os seus mais ilustres compatriotas; teria, enfim, uma existência obscura, desprovida de glórias cívicas, imolando o porvir de sua irmã, que possuía atributos físicos e morais, dignos de fulgurarem até nos palácios principescos... Com o seu temperamento impulsivo e leal, muito lhe custaria sofrer tais sentimentos, mas, esforçar-se-ia tenazmente por fazê-lo, para não causar dissabores à sua querida Clotilde.

Adiantava-se o dia. A *Conquistadora* sulcava rápida e calmamente as vagas, ouvindo-se o rumor dos remos impulsionados por braços vigorosos.

O Mediterrâneo mostrava-se de um esplendor quase divino.

As ondas pareciam adormecidas em leitos de rainhas orientais, incrustadas com todas as turmalinas do Universo. Dir-se-ia que as leves ondulações que ainda possuíam, eram escamas lúcidas de uma hidra encantada, amortecida ao som de uma longínqua avena de Éolo,<sup>18</sup> que a modulasse além das fronteiras de Cartago.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Deus grego dos ventos.

<sup>19</sup> Cidade destruída pelos romanos no século VII, atual Túnis (Tunísia).

A chalupa singrava docemente, ora ao sabor dos ventos, ora movida pelos remos, fendendo as vagas serenas e glaucas, onde, à sua passagem fugidia, desabrochavam diáfanas rosas de branca espuma, logo desfeitas, como efêmeras ilusões!

Ao aventureiro Flávio, sempre no encalço de sensações ou de emoções inéditas, maravilhava-o qualquer excursão marítima, sôfrego por abandonar a monótona existência na Rocha Negra, a fim de compartilhar dos prêlios perigosos, incessantes quase, entre romanos e povos adversos, desejo de viver em alguma metrópole movimentada, onde pudesse compartilhar dos gozos e regalias sociais.

Nascera para empreender aventuras temerárias, e não para a placidez dos lares. Tinha alma de guerreiro, e não de patriarca. Penalizava-o a resolução paterna de conservar-se ilhado do mundo, evitando lutas e represálias, não percebendo a excelsitude das afeições calmas e inefáveis, que soem abrolhar nos corações de sensibilidade apurada no isolamento e na meditação... Notava, com desprazer, a crescente inclinação de Clotilde pelo unigênito de Naldi. Não a condenava por isso, mas desejava que ela – formosa quanto Helena,<sup>20</sup> virtuosa quanto Cornélia,<sup>21</sup> inteligente e opulenta, tendo pelo lado materno parentesco com a família real dos celtiberos – desposasse uma personagem de renome mundial, que a tornasse ditosa e célebre na altiva Roma.

Ele, ao inverso de Luciano, amava as refregas arrojadas – embora nunca houvesse delas compartilhado, por obediência ao genitor –, mas sonhava realizar longas e acidentadas viagens; tinha, enfim, como maravilhosamente se expressara o arguto Donato, alma de intrépido argonauta, sempre insaciável de proezas

<sup>20</sup> Possuía a reputação de “mulher mais bela do mundo”. Seu rapto desencadeou a Guerra de Tróia.

<sup>21</sup> Cornélia africana, a mãe dos Gracchus, símbolo da virtude e da coragem.

temerárias... Almejava afrontar um temporal marítimo, e não viajar em plena bonança...

Com aspecto sobranceiro, contemplava as vagas até então tranqüilas, quase já entediado, enquanto em seu íntimo tumultuavam sonhos e visões de glória e triunfo...

Na extremidade oposta à em que se achava ele, viam-se, belos e merencórios, Luciano e Clotilde, contemplando o horizonte, como se nele tentassem desvendar os arcanos do futuro, silenciosos e apreensivos, sem revelar, um ao outro, dolorosos presságios... Subitamente, ambos se olharam com os olhos enublados de pranto, a névoa da tristeza que se lhes evolava da alma, como em límpido lago, em noites hibernais, se eleva alva bruma...

Foi Clotilde quem interrompeu a penosa reflexão em que ambos estavam imersos:

– Luciano – disse ela –, muito me inquietaram as palavras de Flávio, pois nelas percebi alguns remosques à tua pessoa, e quero que saibas quanto isso me desagradou...

– Também eu os observei, Clotilde, com acerba surpresa... Bem sei que Flávio é meu amigo; mas... o que lhe desagrada em mim...

E silenciou, às súbitas, pálido e alterado, tão penoso lhe era o pensamento que concebera, e logo interrompera...

– Que tem ele a dizer em teu desabono? Luciano. Acaso não és digno filho de Pedro Naldi, a quem nosso pai deve a vida, e ao qual confia a vigilância do alcáçar em que residimos? Não é teu genitor um dos heróis das Gálias, amigo de Júlio César?

– Bem compreendo a generosidade de teus conceitos, mas, o que já percebeu Flávio, e não merece a sua aprovação... é o afeto que te consagro, Clotilde! Ele me quer para amigo, e não para cunhado... Não me julga merecedor de tão grande ventura... e não hesitará em cravar-me o punhal de uma recusa, se eu ousar insistir nas minhas pretensões!

– E não merece ser correspondida a tua afeição? Luciano! – interrogou a donzela, esmaecendo.

Era a primeira vez que ambos permutavam confidências afetivas, solidificando os sentimentos que havia muito se dedicavam, mutuamente, embora seus lábios nunca os tivessem divulgado...

– Ele não me julga digno de me aliar à tua família, que tem por ancestrais membros de estirpe real... – pôde responder-lhe o mancebo, após segundos torturantes.

– Que importa a realeza? Luciano! Se às vezes nos palácios imperiais nascem tiranos, bandidos coroados, e numa choupana, pode vir à luz da vida um justo? Vale, acaso, mais um reino do que a virtude?

– Obrigado, Clotilde! Que vale, porém, o teu generoso conceito? Se a sociedade contemporânea só encontra lustre no que galga posição vantajosa, seja embora usurpador ou celerado...

– Confiemos a nossa causa a nossos progenitores, Luciano, e estes saberão fazer-nos felizes. Possuem eles a verdadeira majestade – a *virtude*, que é a soberana de quem Deus reconhece os direitos, e têm o verdadeiro tesouro que pode ser transportado ao Céu... porque se acha acumulado.

– Assim o creio, Clotilde, mas se, estando eles já enfermos, baixarem ao túmulo?... Quem advogará a nossa causa? na própria alma imortal!

– Quem, Luciano? Nossos corações enlutados que, perdendo uma irreparável felicidade, não prescindirão da derradeira que lhes restará... a nossa aliança... que eu espero seja eterna!

– Obrigado, Clotilde! És tão formosa no aspecto quanto no espírito luminoso! Deves ter sido exilada do Olimpo<sup>22</sup> por alguma deusa... talvez zelosa de tua perfeição...

Quedaram-se ambos, com os olhos enevoados de lágrimas, alheios ao mundo físico, embevecidos pelos próprios sentimentos, que lhes faziam pulsar, celeremente, os corações – onde se albergavam sonhos de ventura inaudita... e augúrios dolorosos,

---

<sup>22</sup> Monte grego que seria a morada dos deuses.

porque, nos espíritos dos que se amam, nunca existe a felicidade integral, devido ao receio de virem a perdê-la!

## V

Repentinamente, uma lufada ardente, partida do Sul, abrasou as faces dos itinerantes. O velho marujo, que pilotava a chalupa, voltou-se para Donato, e disse, respeitosa-

– *Domine*,<sup>23</sup> acho prudente voltarmos à Rocha Negra, de onde já partimos há mais de seis horas... As tempestades por esta época, aqui, são terríveis! Estas rajadas de fogo, que percorrem o Mediterrâneo, vindas da África, precedem ciclone, ou tempestade violenta...

– Pois voltemos ao castelo, sem tardança, Genaro! – ordenou Moréti ao chefe dos tripulantes.

Um impulso contrário, dado aos remos por braços musculosos, e as velas enroladas nos mastros renunciaram o regresso dos excursionistas.

Flávio, que escutara a ordem paterna, ávido de aventuras arriscadas, suplicou-lhe, com veemência:

– Amado pai, um momento apenas; dai-me a atenção: morreremos de tédio no solar, onde vivemos segregados do mundo... Estamos apenas a pouca distância da Rocha Negra, e já quereis retroceder?

– Certamente, Flávio! – respondeu-lhe Donato, com energia – pois a prudência a isso nos obriga! Não somos piratas barbarescos para expormos à morte todos os entes que mais prezamos!

– Não dizeis sempre que o nosso destino está traçado pelos numes, e que não morreremos na véspera, mas no instante em que Átropos<sup>24</sup> corta o fio à nossa vida?

<sup>23</sup> *Domine*, senhor, em latim.

<sup>24</sup> Átropos, aquela das três Parcas – deusas gregas – que cortava o fio da vida, que as outras teciam.

– A experiência e a razão inspiram-me precauções contra os perigos, e não afrontá-los sem necessidade. Flávio! Eu aplaudo a tua coragem, mas não é prudente que, para pô-la à prova, sacrificemos a vida de tantos entes estremecidos! A opinião que repetiste, filho, não é minha, mas a de quase todos os seres... No entanto, não devemos ser temerários, fazendo jus às punições dos deuses...

– Esperemos apenas alguns momentos mais, meu pai! – implorou Flávio. – Se os ventos mudarem de rumo, prosseguiremos. No caso contrário, voltaremos ao cárcere! Estava encantado com esta excursão... pois, havia muito tempo, me parecia não estar respirando a plenos pulmões; julgava-me asfixiado em um ergástulo!

Ja Donato replicar-lhe, visivelmente contrariado com a insistência do filho em cumprir-lhe as ordens, quando a atenção de todos os que se encontravam na chalupa convergiu para uma imponente galera, que, até então, se achava oculta por uma colina das Baleares.

– A quem pertencerá essa formosa embarcação? – perguntou Flávio a seu pai, já esquecido do desgosto que lhe estava causando. Seu desejo era o de possuir alguma possante galera para realizar infindas viagens, transpor o Mediterrâneo, contemplar novas paisagens, outros horizontes...

A intensa afeição que dedicava aos genitores era um empecilho às suas aspirações, e ele não atinava como poderia libertar-se daquele jugo benigno mas poderoso, que o privava de efetuar seus almejos de glórias e triunfos mavórticos...

Subitamente, a *Conquistadora* foi abalada por uma impetuosa e ardente rajada de vendaval, que parecia desprendida de uma fornalha chamejante, em pleno maremoto...

– É tarde para fugirmos ao perigo! – exclamou, com angústia, o velho piloto, dirigindo a Donato um olhar aflitivo. – Só há um meio de salvação, acolhermo-nos naquela embarcação que se aproxima.

– Rumo à galera! – ordenou Donato, profundamente emocionado.

A chalupa trepidava sobre as vagas, que, bruscamente, quais leões enraivecidos pelo desafio de tigres indianos, eriçassem as jubas e rugissem clangorosamente...

O tufão generalizou-se pelo Mediterrâneo, de modo assustador.

As velas foram atadas ao mastro, e, dentro em pouco, a chalupa, sem diretriz, cabriolava ao influxo das vagas, que, repentinamente enfurecidas, dir-se-ia terem-se agigantado para lutar com o harmatão.

As pessoas que se achavam na frágil embarcação, lívidas de terror, deixaram escapar dos lábios um brado uníssono.

Luciano foi o único que, naqueles momentos apavorantes, assumiu a direção da *Conquistadora*, e, mostrando calma prodigiosa, auxiliou o timoneiro no que foi mister. Seus esforços, porém, foram infrutíferos: os vagalhões, agitados e erguidos, pareciam muralhas movediças, impedindo os impulsos da frágil embarcação, que começou a adernar...

Um dos marujos embocou uma tuba marítima, e gritou em direção à galera, que se avistava a algumas centenas de braças de distância do local em que eles se achavam ameaçados de naufrágio:

– Socorro! Socorro! Vinde em nosso auxílio!

A senhoril e formosa galera começou a movimentar-se em demanda da chalupa, que, sacudida brutalmente pelos vagalhões enfurecidos que a invadiram, estava prestes a soçobrar.

Após momentos de aflição inenarrável, viram-na aproximar-se da chalupa já meio avariada.

Marinheiros adestrados nas lides oceânicas atiraram cabos aos viajantes da *Conquistadora*; e, com dificuldades inauditas, salvaram os que estavam em iminente perigo, sendo todos transportados ao interior da *Imperial*.

## VI

Clotilde, ao primeiro embate da adversidade, alma afeita à paz de um lar virtuoso, não podendo sofrer a comoção que a empolgou, esmoreceu, tendo que ser conduzida em braços, e deposta sobre um coxim de veludo carmesim em faustosa sala, digna de um príncipe oriental.

Nívea e bela, qual efígie de vestal esculturada por um Praxíteles,<sup>25</sup> inspirado pelos numes celestiais, parecia haver tombado de seu pedestal, tornando-se o alvo de todos os olhares circunstantes.

Rodearam-na os parentes contristados. Sua genitora, a extremosa Júnia, tentava reanimá-la, fazendo-lhe massagens, com uma loção alcoolizada, nos membros empedernidos.

Luciano, pálido e consternado, não cessava de a contemplar com indescritível ternura, desejando que lhe arrancassem a própria vida para a inocular na adorada desfalecida.

Achavam-se ainda os tripulantes e os servos de Donato asserbados de emoção pelo perigo que os ameaçara de morte cruel, ouvindo o ribombar dos trovões, os ululos do furacão, e pelas bátegas de chuva que sacudiam a *Imperial*, quando se lhes apresentou estranha personagem.

Era um homem alto e trigueiro, aparentando mais de cinco decênios de idade. Seus olhos mostravam uma vivacidade e ardência incomodativas, sempre fixos, lembrando os dos ofídios, que não têm pálpebras, fronte profundamente convexa, nariz adunco, faces cavadadas. A boca, mal delineada, formava uma reentrância nas maxilas, pela falta dos incisivos, fraturados em uma queda de corcel, mas conservava um ricto de escárnio para quantos nele fitassem os olhos.

Eis o aspecto inolvidável da personagem, que encarou os naufragos com petulância. Trajava alva túnica e uma toga escura, que

<sup>25</sup> Escultor grego (390-330 a.C.) cuja obra mais famosa foi *Afrodite de Cnido*.